



Anexo 6

Entrevista ao aluno 1 (Aluno Búlgaro)



Entrevista 1

Identificação: Yordan Alexandro

Idade: 10 anos

Sexo: masculino

Ano de escolaridade: 5º ano

País de Origem: Bulgária

Entrevista: Sujeito 1 (transcrição literal)

Entrevistador (E) - Obrigado por terem aceite o convite para falarmos sobre esta questão que está muito em foco que é a questão da educação intercultural. Hoje, mais do que nunca, a escola como uma escola inclusiva, recebe cada vez mais alunos provenientes de diferentes culturas: Russos, Búlgaros, Finlandeses e de outras origens. O objectivo desta entrevista é saber um pouco qual é que é a recepção dos professores relativamente a esta questão intercultural. Como é que esta questão interfere na sua prática pedagógica e é importante saber como é que os alunos reagem e como é essa integração na escola multicultural. Eu pedia ao Yordan para dizer a idade, o nome, o país de origem e há quantos anos está em Portugal.

A1 – Chamo-me Yordan Alexandro, venho da Bulgária, tenho 10 anos e estou em Portugal há dois anos, acabei a 4º classe em Santa Marinha e estou no 5º ano na escola Dr. Abranches Ferrão.

E – Gostas de cá estar?

A1 – Sim, gosto muito.

E – O que é que gostaste mais? Notaste muita diferença do 4º ano para o 5º ano? Ou não houve assim muita diferença? Quando chegastes cá, no 4º ano qual foi a maior dificuldade que tu tiveste?

A1 – A dificuldade maior foi a língua.

E – Então e depois? Quem te ajudou a ultrapassar isso?

A1 – O meu mano e a minha mãe.

E – Então e que mais? Vieste para o 5º ano, tu já conhecias a escola. O que é que notaste diferente do ano passado para este ano?

A1 – Mais professores, mais disciplinas, uma escola maior, novos amigos.

E – Tu este ano tiveste alguns colegas do ano passado?

A1 – O Diogo Miranda, as gémeas, Daniela e ,o Carlos, a Ana, a Lisa.

E – Trouxeste um grupinho de amigos aqui para a escola. Mas estavas tu a dizer que sentiste diferença em ser uma escola maior, mais professores e mais disciplinas. Custou muito a adaptação?

A1 – Custou.

E – Mas isso foi ultrapassado. Este ano o 5º ano já está a passar e o que é tu achaste mais difícil este ano?

A1 – Os testes não por causa da língua, mas por causa de não estudar o suficiente .

E – Isso requer que tu para o ano sejas mais aplicado. Há medida que os anos vão passando as exigências são diferentes. Já fizeste o 5º ano, novos colegas, novos amigos, mais professores. Tu achas que foste bem aceite e acolhido pelos professores, pelos colegas?

A1 – Eu acho que sim.

E – Queres contar algum experiência? Por exemplo, ela na turma, nas aulas, os professores, também, te perguntavam como é que na Bulgária são estes costumes. Tu também ias contando como é que são os teus costumes?

A1 – Uma vez a professora de História perguntou-me sobre as tradições no Natal e na Páscoa e fiquei todo contente porque contei para toda a turma

E – Vês interesse dos professores e dos colegas interesse em saber um pouco da tua cultura?

A1 – Sim.

E – Há professores que se interessam e aproveitam a integração dos alunos de diferentes países para directamente dizerem o que é que se passa em relação a algumas realidades festivas. Na tua perspectiva, a escola serve para quê?

A1 – Para aprender, para conhecer mais pessoas, para aprender a conhecer mais coisas, para aprender a ser mais pessoa.

E – Tu gostaste de todos os professores?

A1 – Gostei.

E – Em relação aos teus colegas? Eles também têm interesse em conhecer um pouco da tua cultura?

A1 – Sim. Eles mostram interesse em conhecer algumas palavras em Búlgaro.

E – Isso significa que há uma boa interacção. Ao falares para eles, o que é que estás a aprender mais?

A1 – A língua.

E – Eles já sabem o português e tu estás a aprender o português, mas ao saberem português querem saber também da tua língua. Tu foste à Bulgária e contaste à tua avó coisas de Portugal ?

A1 – Sim. Que estou a gostar muito e aprendi muitas coisas.

E – Neste momento o que é que gostas mais de Portugal? O que é que já conheces de Portugal?

A1 – Lisboa, Viseu, Vila Nova de Foz Coa, Carrazeda de Ancíães, Alfandega da Fé, Figueira da Foz, Gouveia e Coimbra.

E – E gostaste? É bonito?

A1 – Gostei.

E – O que é que achas que Portugal tem diferente da Bulgária?

A1 – A educação das pessoas, a cultura dos portugueses. Aqui é melhor do que lá.

E – Mas porquê?

A1(mãe) - Aqui são mais educados e têm muito mais respeito do que nós lá, sobretudo para com as pessoas mais velhas. Antigamente, todos nós quando víamos uma pessoa mais velha levantávamo-nos para ela se sentar. Tínhamos respeito por ela. Nas passeiras, eu noto muito porque tirei a carta em Portugal há três anos, esteja quem estiver a gente pára e dá prioridade. Lá ninguém faz isso.

E – Em termos daquilo que é a vossa perspectiva perante a escola. Lá valorizam muito a escola? Os níveis e a estrutura de ensino são diferentes, não são?

A1 (mãe) - Nas nossas escolas, a primeira aula começa às oito e são 45 minutos cada aula. Há 10 minutos de interrupção entre as aulas e o máximo de aulas por dia são seis aulas. Da parte da manhã, as aulas começam às oito e acabam à uma. Da parte da tarde, é das duas até às quatro. Quem tiver apoio ou dificuldades ficam na escola para serem ajudados. A diferença verifica-se no horário de funcionamento. Mas acho que está melhor aqui do que lá, porque a aprendizagem dos alunos lá também aprendemos muito e os professores são muito mais exigentes, mas aqui também está bem porque põem os alunos mais à vontade para eles terem gosto de estarem aqui na escola também. Eu, até agora, não vi nos meus filhos nenhum motivo para dizerem que não queriam vir à escola.

E – Isso é muito bom! É sinal de que vocês se sentem bem e o importante é que a escola, mais do que nunca, tem que ajudar a integrar no dia a dia e na sua estrutura meninos que vêm de diferentes origens. Nós temos portugueses na França, na Inglaterra, na América e o sentimento deve ser o mesmo para que elas se sintam bem no sítio onde estão. Nós, portugueses, fomos sempre considerados como hospitaleiros, mas hoje, mais do que nunca,

A1 (mãe) – Isso que está a dizer é verdade. Vocês receberam muito bem os meus dois filhos, tanto na escola de Santa Marinha, como na Abranches Ferrão. Eu estou muito contente com isso. Porque eu pensava como é que eles vão adaptar-se, mas adaptaram – se muito bem.

E – Tu, Yordan, achas que és respeitado, toda a gente te aceita conforme és, achas que estás bem?

A1– Sim.

E – Nós já falámos de alguns aspectos que foram mais difíceis para ti, e pela conversa, foram mais os aspectos positivos que negativos, porque os aspectos positivos ajudam a ultrapassar os negativos. Acho que é meio caminho andado para tu começares bem e continuares bem. Isso é o mais importante. O que é que vos levou a vir para Portugal? Porquê Portugal?

A1 (Mãe) - Isso é uma pergunta que nem eu posso responder. Não sei.

E – Vocês conhecem outras pessoas da Bulgária? No Natal e na Páscoa vocês fazem reuniões?

A1(mãe) – Sim, nós conhecemo-nos todos, os estrangeiros, ao redor de Gouveia e Seia.

E – Vocês juntam-se com alguma frequência, sobretudo os que se conhecem mais?

A1 (mãe) – Sim, juntamo-nos mais com os da Bulgária porque na nossa cultura, o dia de Natal e o dia de Páscoa celebram-se no mesmo dia que aqui. Agora na Bielorrússia o Natal é no dia 6 de Janeiro. Já não festejam no mesmo dia que nós. É só por isto que estamos mais com os Búlgaros.

E – De que zona da Bulgária é que são?

A1 (mãe) – Somos da cidade de Peskara. É uma cidade, mais ou menos, como a cidade do Fundão.

E – Lá também têm dificuldade em arranjar emprego?

A1(mãe) – Sim. É por isso que nós tivemos que emigrar. Muitas firmas tinham fechado. Já tinha entrado a crise e por nós sermos pessoas mais novas resolvemos emigrar para darmos uma vida melhor aos nossos filhos. Nós não passávamos fome, mas por causa dos nossos filhos é que tivemos que emigrar.

E – Acha que foi um passo bem dado?

A1(mãe) – Sim.

E – Espero que tudo assim continue bem. A escola é uma ferramenta para preparar o futuro. O Yordan se fizer o 9º ano melhor, mas se fizer o 12º ano melhor ainda. Com já está integrado no sistema de ensino a escolaridade obrigatória é até ao 12º ano. Às

vezes acontece que muitos emigrantes vão para um país que escolhem, mas depois não se sentem bem .

A1(mãe) – Sim. O Yordan já aqui esteve algumas vezes. Eu trouxe-o quando tinha 4 anos e viemos visitar a minha mãe que já aqui estava há um ano. Foi ela que nos recebeu a mim e ao meu marido.

E – Ela está a pensar voltar para cá?

A1(mãe) – Não. Agora só gente mais nova. Quando trouxe o Yordan, com 4 anos, ele não gostou de estar em Portugal por causa de não saber a língua e não saber falar com os amiguinhos. (Yordan) No início não gostava, mas agora gosto. (Mãe) Agora veio com 9 anos.

E – Muitas coisas mudaram, eras mais pequenino, não sabias falar tão bem. A melhor coisa que pode haver para estes alunos é que quando vêm para um realidade diferente que não conhecem é sentirem-se bem e sentirem-se bem acolhidos .

A1(mãe) - O ATL da Fundação Aurora Borges também ajudou muito. Ele agora tem de comunicar mais com as pessoas, tanto crianças como adultos, para adquirir sabedoria

E – Tu começaste a fazer novos amigos e a falar com eles é que vais enriquecendo o teu vocabulário. Os teus colegas também querem saber mais da tua língua. Quanto mais falares mais enriquecido ficas e mais facilmente entendes aquilo que as pessoas dizem.

Ao vir aqui para Portugal estão a perder um pouco da vossa identidade ou mantêm-na na mesma? Daquilo que são os traços da vossa cultura acham que a estão a perder?

A1 (mãe) – Eu acho que estamos a perder. Nós em casa falamos só Búlgaro, a nossa língua esta a manter-se. Eu não quero que os meus filhos esqueçam a língua porque é a língua materna. Há coisas que estamos a perder.

E – Como por exemplo?

A1 – (Filho) Eu já esqueci de como escrever algumas palavras na minha língua. (Mãe) Já se esqueceu do alfabeto. (Filho) Falar, lembro-me a língua toda.

E – Isso é perfeitamente normal. Tu falas Búlgaro com os teus pais e mantêm esse costume, mas, neste caso, tu estás a aprender um segunda língua, que é o Português. Mas se houvesse um trabalho em simultâneo de manter, claro que ele lembrava-se.

A1 (mãe) – Nós estamos a perder. Por exemplo, na Passagem de Ano, no dia 1 a nossa tradição lá é que às seis horas juntam-se as crianças todas e visitam as casas das pessoas cantando, dizendo que Deus dê muita saúde e nesta casa não falte nada e as pessoas dão coisas.

E – Aqui em Portugal também há uma tradição parecida, são as Janeiras. Vocês, a comunidade Búlgara, não se juntam mais nestas alturas?

A1 (mãe) – Juntamo-nos para fazer a festa. No dia de Páscoa, são os ovos de chocolate e temos as bolas com ovo e os ovos de galinha cozido e pintados de várias cores: vermelho, azul, verde e laranja. No dia de Páscoa, de manhã, junta-se a família com um ovo cada um, e um anda a segurar e o outro anda a bater, e o ovo da pessoa que ficar inteiro significa que essa pessoa vai ter mais saúde . (Filho) Quando estive no 4º ano também me perguntaram isso.

E – Muito interessante. No outro dia estava a falar com a tua Directora de Turma, estávamos a pensar nalgumas ideias para dar mais conhecimento à comunidade escolar sobre essas tradições. Porque às vezes é assim, o que se sabe de outros países é a língua, a população, as tradições, mas há pequenos pormenores que são muito importantes e que são parecidos com os costumes portugueses.

A1 – Sim, sim. É por isso que nós nos mudámos a Portugal. Eu não estou arrependida de vir para Portugal, porque temos muitas coisas parecidas.

E – Mas mesmo assim, acha que estás a perder alguns traços da vossa identidade?

A1(mãe) – Até agora estou a fazer, estou a dar o meu melhor para não perder.

E – Mas também acha, neste caso, que o Yordan...ele está a dizer “bem eu já não escrevo”...mas tu estás a preocupar-te com isso?

A1- Um pouco...

E – Mas é importante que continues a saber a escrever algumas palavras...

A1 – (Filho) sim

E – Porque o búlgaro é a tua primeira língua e aqui a portuguesa é a tua segunda língua. embora estejas em Portugal, é importante que tu domines a língua para saberes falar, para saberes escrever, mas é importante também tu ires cultivando isso...porque qualquer dia vais para a Bulgária, e depois já não sabes como é que se diz isso...

A1(mãe) – Agora, eu já tinha falado tanto eu como o pai, falamos para ele que em primeiro lugar agora tem de aprender a língua portuguesa, porque estamos em Portugal, estuda em Portugal, tem que levar a língua portuguesa em primeiro lugar. Agora a nossa, a língua búlgara, já vai ficar um bocadito para trás, vai ser a segunda para ele, mas ele tem de saber...

E – Pois, vocês como pais não deixam que isso aconteça, porque pelo que eu estou a ver, vocês em casa podem falar uma palavra ou outra em português, mas habitualmente é o búlgaro que vocês falam, não é?

A1(mãe) – Sim...é o búlgaro que estamos a ver na televisão. E mesmo assim, os nossos filhos falam muito bem português.

E – Muito bem. Então não estão também a perder a vossa identidade naquilo que é o mais importante, as tradições mantêm-nas, a língua, neste caso continuam a mantê-la. Quer destacar mais algum aspecto que acha que... ou seja, no geral, vocês continuam mesmo estando num país diferente continuam a manter os vossos traços de identidade, não é?

A1(mãe) – Sim, mas isto, quer dizer, não prejudicou assim ninguém porque a nossa cultura e a vossa são quase parecidas... não é novidade nenhuma quando a gente faz alguma coisa destas, não é novidade nenhuma, ninguém nota porque em Portugal também se faz e é assim...

E – Muito bem. Mas é interessante, é sempre um enriquecimento que nós temos e fazemos... e hoje mais do que nunca, vocês neste caso ao virem para a escola e acho que é uma mais-valia nós aproveitarmos os alunos para aprendermos um pouco mais, embora que a gente possa saber, mas uma coisa é saber daquilo que ouve e aquilo que lê, mas é saber directamente de alguém que lá esteve ou que teve contacto directo,

portanto, que nos diga para os professores e para os alunos, e acho que só por aí acho que é um enriquecimento de várias maneiras, não é, e acho que temos de valorizar isso. E hoje mais do que nunca a escola deve estar preparada para receber, que até aqui não estava. E mesmo assim, nem todos os professores estão predispostos a integrar, porque é assim, e eu também falo por mim... para já, é o aluno que não domina muito bem a língua portuguesa. Como é que a gente faz sentir bem o aluno que vem de fora? É não fazendo esquecer o que é que ele tem para trás. Como quem diz: Yordan, agora esqueces a Bulgária, estás em Portugal, o que lá vai, lá vai e o que passou, passou. Não! Há coisas que fazem parte da identidade e que nós não esquecemos, não é? Este é o teu segundo país, porque o primeiro país é a Bulgária, e como a tua mãe diz, o principal é teres um domínio da língua portuguesa, mais ou menos equilibrado, para que se possa desenrascar da melhor forma possível. O Yordan veio para o 4º ano quando vieram da Bulgária?

A1(mãe) – Sim. Esteve com a professora Isabel em Santa Marinha e ajudou-o muito para que ele começasse a falar. A professora Isabel tinha muita paciência com ele.

E – E conseguiu. É isso é que faz falta, sabe?

A1(mãe) – Ele ao chegar aqui a esta escola já vinha preparado. Tivemos muita dificuldade, porque quando vim à escola primária matriculá-lo, em vez de ser a 4ª classe, pedi a 3ª classe. Disse assim: eu trago aqui a avaliação dele de lá, ele acabou lá o 3º mas vai aqui começar o 4º, só que eu gostaria que o meu filho repetisse o 3º ano. E o subdirector disse assim: - Vamos fazer uma experiência com a criança e lá depois a professora vai dizer se vai conseguir acabar a 4ª classe ou se é para repetir a 3ª classe. Graças a Deus correu tudo bem.

E – Então foi uma boa escolha e valeu a pena terem arriscado. A prova está à vista!

Muito bem. Então terminamos a nossa conversa. Mais uma vez, muito obrigada pela vossa disponibilidade, pela vossa simpatia também.

A1 – Obrigada nós também.